

# A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo

Juliano Del Gobo  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

**Juliano Del Gobo**  
(Organizador)

# **A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo [recurso eletrônico] /  
Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto  
Contemporâneo; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-016-2

DOI 10.22533/at.ed.162181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos  
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO <i>Rosângela Rocio Jarros Rodrigues</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
PSICOLOGIA, PODER E SEXUALIDADE: A FIGURA CONTEMPORÂNEA DO INTERSEX E AS NOVAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO <i>Jônatas Mota Leitão</i> <i>Luiza Maria Silva de Freitas</i> <i>Paulo Germano Barrozo de Albuquerque</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
POVOS ORIGINÁRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL: A QUESTÃO DA TERRA <i>André Valécio</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
IDENTIDADE MASCULINA NA CONTEMPORANEIDADE: NOVAS SÍNTESES DIALÉTICAS <i>João Pedro Vilar Nowak de Lima</i> <i>Jeferson Renato Montreozol</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
O SABER PSICOLÓGICO E A ADOLESCÊNCIA: A NECESSIDADE EM CONSIDERAR INTERSECCIONALIDADES <i>Isadora Oliveira Rocha</i> <i>Gláucia Ribeiro Starling Diniz</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO À INSPIRAÇÃO DE UMA PRÁTICA GRUPAL: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN <i>Barbara Maria Turci</i> <i>Eliane Regina Pereira</i> <i>Emerson Fernando Rasera</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>80</b>
ENTRE TELAS E CENAS DA RUA: A MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL NO ENCONTRO COM VIDAS OUTRAS NAS CIDADES <i>Allan Henrique Gomes</i> <i>Orlando Afonso Camutue Gunlanda</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
O QUE PODE O CORPO EM CENA NA CIDADE? <i>Antônio Vladimir Félix-Silva</i> <i>Cássio Marques Ribeiro</i> <b>DOI 10.22533/at.ed.1621819128</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 109**

ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A TUTELA DA JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DA PARTICIPAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA

*Lara Brum de Calais*

*Juliana Perucchi*

**DOI 10.22533/at.ed.1621819129**

**CAPÍTULO 10 ..... 125**

MEMÓRIA E MILITÂNCIA FEMINISTA NO ENFRENTAMENTO DA HUMILHAÇÃO SOCIAL

*Mariana Luciano Afonso*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191210**

**CAPÍTULO 11 ..... 130**

ENFRENTAMENTOS, RESISTÊNCIAS E SOBREVIVÊNCIAS NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

*Renata Câmara Spinelli*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191211**

**CAPÍTULO 12 ..... 147**

RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS: O ESPAÇO DA LIBERDADE PARA DIZER A PALAVRA

*Erlândia Silva Pereira*

*Maristela de Souza Pereira*

*Rogério de Melo Costa Pinto*

*Helena Borges Martins da Silva Paro*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191212**

**CAPÍTULO 13 ..... 162**

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DO AUTOCONCEITO DE CRIANÇAS

*Erik Cunha de Oliveira*

*Saulo Santos Menezes de Almeida*

*Juliana Souza Vaz Ribeiro*

*Alexsandro de São Pedro Santiago*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191213**

**CAPÍTULO 14 ..... 171**

DA PATOLOGIZAÇÃO AO DIREITO À SAÚDE DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM DOCUMENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

*Roberta Cristina Gobbi Baccarim*

*Grazielle Tagliamento*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191214**

**CAPÍTULO 15 ..... 186**

CAPTURA E REGULAÇÃO: INVESTIMENTOS BIOPOLÍTICOS NA SAÚDE DA POPULAÇÃO TRANS

*Júlia Arruda da Fonseca Palmiere*

*Anita Guazzelli Bernardes*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191215**

**CAPÍTULO 16 ..... 196**

A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA HOMOPARENTAL E A SUA PRESENÇA NA LITERATURA INFANTIL

*Hudson Henrique de Oliveira Masferrer*

*Emerson Fernando Rasera*

**DOI 10.22533/at.ed.16218191216**

**SOBRE O ORGANIZADOR ..... 210**



## MULHER E TRABALHO: UM ESTUDO PRELIMINAR DO JÁ-DITO ESTEREOTIPADO

**Rosângela Rocio Jarros Rodrigues**

Universidade Estadual de Londrina, Depto de  
Psicologia Social e Institucional  
Londrina-PR

**RESUMO:** A construção social identitária da mulher privilegiou os valores hegemônicos e de supremacia do homem. Ao enunciar sobre a mulher e o trabalho são veiculados pressupostos ideológicos que reiteram o já-dito. É sobre o já-dito que o estereótipo se constrói e promove a retomada constante para sua perpetuação, respondendo a um enunciado anterior demonstrando seu caráter dialógico conforme pressupõe a perspectiva bakhtiniana. A sociedade utiliza dos processos de socialização para repassar e afirmar a naturalização da diferença. O método da pesquisa é qualitativo e documental. Neste estudo é analisado um excerto da revista Melhores Empresas para Trabalhar que constitui o *corpus* da pesquisa. A análise de dados reporta aos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa a fim de identificarmos os já-ditos nos enunciados. Os resultados iniciais reiteram os já-ditos sobre a sensibilidade, o instinto maternal e a diferença de atributos entre o feminino e o masculino. Conclui-se que é preciso confrontar os já-ditos sobre a mulher visando transformar valores ideológicos dominantes que a diminuem ou a

menosprezam, desse modo, é preciso buscar o fortalecimento do valor próprio e de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia; Mulher; Trabalho; Análise de Discurso; Sociedade.

**ABSTRACT:** The social construction of identity woman has opted for the hegemonic values and supremacy of the man. To speak about the woman and the work are served assumptions that ideological reiterate earlier said. It's about the already-said that the stereotype if builds and promotes the resumption to your constant perpetuation, responding to a previous statement showing your Dialogic character as assumes the bakhtiniana perspective. The society use the processes of socialization to go over and say the naturalization of the difference. The method is qualitative and documentary research. In this study is analyzed an excerpt of the magazine best companies to work for is the *corpus* of research. Data analysis reports the assumptions of the French line speech analysis in order to identify those already-listed us sayings. The initial results reiterate the already-said about the sensibility, the maternal instinct and the difference of attributes between the feminine and the masculine. It is concluded that it is necessary to confront the ever-said about the woman in order to turn ideological dominant values that diminish or downplay, thereby, it is necessary to seek the strengthening of

eigenvalue and genre.

**KEYWORDS:** Psychology; Woman; Work; Discourse Analysis; Society.

## 1 | INTRODUÇÃO

“Ser um homem feminino não fere o meu lado masculino”, assim é a letra da música de Baby Consuelo e Pepeu Gomes nos anos 80. Os compositores buscavam confrontar o enunciatário acerca da ausência de atributos de masculinidade e feminilidade no mesmo gênero biológico.

Provocam o pensar sobre como os atributos são divididos dicotomicamente. Visão que resulta da construção social e são reproduzidos pelos processos de socialização para meninas e meninos que se apropriam ao nascer e ao longo da vida. Vestimentas, aparência, beleza, comportamentos, linguajar, habilidades e lugares discursivos impostos e incorporados como sendo naturais.

Entretanto, o que isso acarreta no mundo do trabalho remunerado? A mulher tão “feminina” tem lugar garantido e igualitário ao homem no trabalho nas organizações? Quais estereótipos o “feminino” mobiliza no mundo do trabalho em nossa sociedade?

Tomamos o estereótipo como um chavão, um clichê, uma ideia ou imagem preconcebida. Seria o pré-construído acerca de algo ou de alguém, um grupo, nesse caso, sobre a mulher na sociedade.

É pela palavra que os estereótipos são repassados e fazem sentido. Berger e Luckmann (2013, p.38) revelam que “A linguagem usada na vida cotidiana me fornece continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha sentido para mim”. O sentido decorre dos processos de socialização existentes nos grupos sociais nos quais as pessoas tomam parte desde o seu nascimento. Esses processos são instituídos na família, na escola, no trabalho entre outros.

A socialização é o “processo de internalização (apropriação) do mundo social, com suas normas, valores, modos de representar os objetos e situações que compõem a realidade objetiva; é o processo de constituição de uma realidade subjetiva (...)”, conforme Bock, Furtado e Teixeira (2009, p.208). O que é aprendido por meio desse processo caracteriza a peculiaridade do grupo no qual nascemos e desenvolvemos, sendo determinado pela cultura. É por meio da linguagem que o processo se realiza, sendo a apropriação do idioma o primeiro requisito para a criança ser socializada. Os já-ditos são repassados aos novos, como por exemplo, o já-dito sobre a mulher ser feminina evocando atributos de doçura, meiguice, capricho, ser recatada, discreta, magra e etc.

Logo, o estereótipo se constrói sobre o já-dito e promove a retomada constante para sua perpetuação, ele responde a um enunciado anterior demonstrando seu caráter dialógico, conforme Bakhtin (2004). Não existe um enunciado adâmico, original

e único. Sempre enunciamos dialogando com algo já-dito.

“O locutor não pode se comunicar com os seus alocutários e agir sobre eles, sem se apoiar em estereótipos, representações coletivas familiares e crenças partilhadas”, consoante Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 216). Quando o estereótipo é analisado em sua superfície discursiva parece um facilitador das interações sociais; quando o olhar se volta para a estrutura interna conjectura-se a possibilidade de ele estar silenciando novos diálogos e possibilidades de modulação e transformação dos pré-construídos.

O componente ideológico presente em determinada interação social pode ser identificado no uso da fórmula estereotipada de comunicação. O pré-construído vem carregado de valores ideológicos que perduram historicamente, sendo transmitidos por diferentes gerações e, dessa forma, determinam o comportamento linguageiro da comunidade discursiva específica. O trabalho, a profissão, a instituição que atuamos constitui uma comunidade discursiva.

Ainda se diz que: “a mulher não precisa trabalhar porque tem o marido que a sustenta; ou “o ambiente de trabalho é muito competitivo e a mulher é muito feminina, não aguenta a atividade”. São já-ditos que circulam em comunidades discursivas do mundo do trabalho. Portanto, “Um sentimento de evidência se associa ao pré-construído, porque ele foi “já-dito” e porque esquecemos quem foi seu enunciador”, ressaltam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 401). A repetição e reiteração do “já-dito” podem constituir uma estratégia discursiva de credibilidade e caracterizar o fenômeno linguístico da locução estereotipada na linguagem.

O estereótipo, no conjunto do comportamento linguageiro previsto num contrato de comunicação, compõe parte da identidade discursiva que determinada comunidade utiliza e reconhece entre seus membros. A estereotipia designa “o conjunto das expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso”, afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 245). Serve para mediar à relação do indivíduo com a realidade; o enunciador mobiliza imagens prontas, crenças preconcebidas a partir de representações coletivas cristalizadas.

Na perspectiva bakhtiniana, os estereótipos existem quando há formas de vida em comum que são relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. O fenômeno linguístico da estereotipia é facilmente identificado na troca comunicacional em diferentes momentos de interação social. Desse modo, ainda de acordo com Bakhtin (2004)

A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social, são elementos da festa, dos lazeres, das relações que se travam no hotel, nas fábricas, etc. (BAKHTIN, 2004, p.126)

O emprego de estereótipos no cotidiano promove um processo de construção

de credibilidade indexada à identidade discursiva do enunciador, porém, com o uso reiterado das locuções, poderá haver um desgaste ou um não-pensar sobre o valor de sentido que constitui cada uma delas e, dessa maneira, a sua aplicação pode servir para silenciar outros sentidos diferentes, que concorrem para emergir em determinado campo discursivo.

Como afirma Orlandi (1995, p. 105) sobre a imposição do silêncio, esse não serve apenas para calar o interlocutor, mas, impedi-lo de sustentar outro discurso: “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação dos sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio(s). O silêncio, ao contrário, não é o não-dito que sustenta o dizer, mas aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído”.

O estereótipo por definição é a ideia cristalizada, fixa e dominante de uma comunidade discursiva; enquanto outras são silenciadas pela própria imposição do repetir o já-dito. O dito presente no estereótipo apaga o seu avesso, segundo Maingueneau (2005), esconde o jogo da contradição dos sentidos, enquanto fortalece o *ethos* de enunciador crível, membro legítimo da comunidade discursiva.

Considerando o conteúdo exposto, o objetivo deste estudo é apresentar alguns elementos identificados na análise discursiva de um excerto extraído da revista melhores empresas para trabalhar publicada em 2009 acerca da mulher e o trabalho nas organizações.

## 2 | METODOLOGIA

Este estudo é um recorte da pesquisa em andamento desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, na área de Psicologia Organizacional e do Trabalho intitulada “a mulher e o trabalho em organizações: os já-ditos e os silêncios”. A referida pesquisa segue o método qualitativo e documental.

A pesquisa qualitativa é um terreno ou uma arena para a crítica social. Surge no início dos anos de 1970 no meio acadêmico em oposição ao modelo hegemônico fundamentado na matriz do pensamento positivista que privilegia a busca pela estabilidade dos fenômenos estudados, acredita que há uma estrutura fixa na ordem das relações sociais que, portanto, é previsível e observável e, assim, a pesquisadora consegue apreendê-la de modo imparcial, neutro.

A pesquisa qualitativa pressupõe a existência da interdependência entre sujeito ser humano e o objeto como vemos a seguir:

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro;

O que está em foco na pesquisa qualitativa é a análise dos significados que os seres humanos atribuem a suas ações, relações e compreensão dos sentidos produzidos por estas tendo em vista o contexto sócio-histórico-cultural. Considerando sempre que “os interesses e visões de mundo, historicamente construídos, são intrínseca e extrinsecamente ideológicos”, segundo Minayo (2011).

Essa pesquisa qualitativa se inscreve na teoria social crítica. Existem muitas teorias críticas e adotamos aquela voltada para compreender como as questões relacionadas ao poder, à justiça, à economia, a raça, a classe e o gênero, as ideologias, os discursos, a educação, a religião e as demais instituições sociais, a partir de dinâmicas culturais específicas interagem construindo o sistema social. Trata-se aqui da teoria crítica “reconceituada” denominada desse modo por Kincheloe e McLaren (2008). Ela reúne, entre outros pressupostos, dois que estão, particularmente, entrelaçadas ao nosso objeto de estudo: a consciência hegemônica ligada à produção ideológica e a linguagem como prática social.

Para as estudiosas da linguagem como discurso, o objeto não é “o que está aí” visível na tessitura textual, todavia o que está na opacidade, no interdiscurso das várias formações discursivas que tramam os fios das concepções de mundo, de realidade, de ser humano e de linguagem. Essas concepções são construções resultantes do processo social, da história, dos interesses dos grupos dominantes.

Esta pesquisa é documental e os documentos são compreendidos como objetivações materiais da inscrição da subjetividade de seus produtores em determinadas práticas discursivas. A língua escrita possibilita o registro e a transmissão dessas objetivações de maneira permanente por meio do tempo. Além disso, permite o acesso para análise das práticas discursivas empregadas pelos atores sociais.

Os documentos permanecem ao longo do tempo, considerando-se que sua origem se dá em um determinado contexto histórico, social, cultural e econômico. São fontes não-reativas que guardam e fornecem informações retratando as transformações do contexto de produção.

Também é uma pesquisa documental (GIL, 2008) porque utilizará documentos de domínio público veiculados por uma revista em todo território brasileiro. Os documentos constitutivos do *corpus* são exemplares da revista as Melhores Empresas para Trabalhar, publicada pela Editora Abril e abrange o período de 2000 a 2018. Nesse momento estamos na fase inicial de levantamento bibliográfico sobre a trajetória da educação da mulher no Brasil e as implicações para a inserção no mercado de trabalho remunerado. No entanto, apresentamos a análise discursiva de um excerto extraído da revista de 2009.

A análise de dados é realizada a partir dos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa a fim de identificarmos os já-ditos e os silêncios enunciados.

### 3 | ALGUNS JÁ-DITOS ESTEREOTIPADOS: ANÁLISE PRELIMINAR

Ao longo da nossa história foi construída a distinção entre mulheres e homens, sendo o lugar da primeira estar em casa, cuidar da família e submeter-se ao marido (PENA, 1981). Essa divisão gerou o lugar para mulher e o lugar para o homem em nossa sociedade estabelecendo a naturalização da diferença (SILVEIRA, 1996; SCOTT, 1991; SAFFIOTTI, 2004; ALVES, GUIMARÃES, 2009).

Gilberto Freyre (2006) em *Casa-Grande e Senzala*, já escreve um ensaio de sociologia e de história social sobre a formação patriarcal da família brasileira. Em muitos trechos fala a respeito do modo de tratar a mulher no período do Brasil que precedeu o urbano-industrial. Em particular destacamos o processo de socialização ao qual as meninas eram submetidas:

À menina, a esta negou-se tudo que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina responde ou saliente; adoravam-se as acanhadas, de ar humilde. [...]

As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos. (FREYRE, 2006, p.510)

Logo, é desvelado o modelo de sociedade hegemônica onde o homem detinha o poder econômico, político e a certeza da sua superioridade sobre as mulheres, afirma Oliveira (1993).

Nesse período o ingresso das meninas à escola era restrito, os níveis educacionais eram os elementares, bem como ficava distante a possibilidade de uma profissão, um trabalho remunerado.

A inserção da mulher no trabalho remunerado inicia com o ingresso em profissões voltadas para o cuidado com o outro, ou seja, a professora do ensino primário e a enfermeira (BATISTA; CODO, 1999). Essa trajetória tem sua origem na própria cultura, fruto da construção social humana, onde as mulheres são consideradas “naturalmente” maternais, cuidadoras da casa, da família e do lar. Detentoras de predicados como fragilidade, docilidade, pacienciosas e submissas. A competitividade, a objetividade, a resistência a pressões, a racionalidade são atributos ligados ao estereótipo masculino.

Em tempos atuais, a participação das mulheres ocupadas no Brasil, segundo IBGE (2010) nos sete grupamentos de atividade é a seguinte: indústria (36,4%), construção civil (5,1%), comércio (41,2%), serviços prestados a empresas (39,9%), outros serviços (40,8%), administração pública (63,2%) e nos serviços domésticos (94,5%). Nos cinco primeiros grupamentos a mulher é minoria e nos dois últimos é a maioria. Na administração pública porque esta garante processos igualitários de acesso e ascensão na carreira profissional e, nos serviços domésticos porque é da sua “natureza” o cuidar da casa e similares.

Atentando para o rendimento salarial temos que as mulheres recebem o “estimado em R\$1.097, 93, ao dos homens (R\$1.518, 31). (...) em média, as mulheres ganham

em torno de 72,3% do rendimento recebido pelos homens. Considerando um grupo homogêneo, com a mesma escolaridade e do mesmo grupamento de atividade, a diferença entre os rendimentos persiste”, IBGE (2010, p.12). Aliás, a escolaridade de “61,2% das trabalhadoras tinham 11 anos ou mais de estudo, ou seja, pelo menos o ensino médio completo. (...) a parcela de mulheres ocupadas com curso de nível superior completo era de 19,6%”, IBGE (2010, p.5). Embora a mulher trabalhadora apresente o índice de escolaridade satisfatório continua desigual o salário pago ao do trabalhador homem. Apesar de nos encontrarmos em 2018 com inúmeras conquistas das mulheres ainda vivemos a desigualdade de oportunidades e de remuneração.

Os discursos presentes no mundo do trabalho são mantidos e reproduzidos pela cultura organizacional (MORGAN, 1996) e abarcam diversos posicionamentos discursivos. Ao enunciar sobre a mulher e o trabalho, o enunciador veicula pressupostos ideológicos, conforme Althusser (2007), que reiteram o já-dito e silencia outros valores.

Para este estudo elegemos analisar o exemplar de 2009 do *corpus*. Escolhemos a seção das dez melhores empresas para trabalhar no Brasil. Iniciamos por elaborar um quadro que apresenta o número percentual de mulheres e homens empregados nas dez melhores empresas, assim temos o quadro 1.

Colocação	Empresa	Mulheres %	Homens %
1	Caterpillar	6	94
2	Masa da Amazônia Ltda	28	72
3	Volvo	14	86
<b>4</b>	<b>Sabin Laboratório Clínico</b>	<b>72</b>	<b>28</b>
5	Eurofarma Brasil	31	69
6	BV Financeira	54	46
7	Chemtech – Siemens Company	29	71
8	CPFL Energia	18	82
9	Plascar	19	81
10	Landis+Gyr	26	74

Quadro 1 - Número percentual de mulheres e homens empregados nas dez melhores empresas para trabalhar no ano de 2009

Fonte: Exame (2009)

Entre as dez empresas melhores para se trabalhar no Brasil segundo Exame (2009), apenas duas apresentam percentuais maiores de mulheres empregadas sendo a empresa de número “6” com escore baixo e a empresa “4” com valores percentuais significativos: mulheres 72% e homens 28%. Constatamos a partir deste quadro 1 que as mulheres ainda “constituem um dos primeiros grupos que mereceram atenção na luta por oportunidades iguais de trabalho e ações afirmativas”, conforme Griffin e Moorhead (2006, p.50). Então, selecionamos os enunciados da empresa “4” para empregar a análise discursiva e apresentá-la neste estudo.

Transcrevemos a seguir, o excerto extraído da revista *Melhores Empresas para Trabalhar* (EXAME, 2009).

#### RAZÃO E SENSIBILIDADE

##### *Gestão com toque de feminilidade garante satisfação dos funcionários*

Dizem as pesquisas científicas que as mulheres tendem a sair melhor nas atividades que exigem habilidades verbais, sociais e emocionais. Sexismos à parte, é provável que aí esteja um importante ingrediente do sucesso do Laboratório Sabin na gestão de seus funcionários. Fundada por Sandra Costa e Janete Vaz, a empresa deixa escapar por seus corredores uma atmosfera de feminilidade. A começar pela própria quantidade de colaboradoras, quase três vezes superior ao número de homens, passando pelo toque de sensibilidade impresso às práticas do dia a dia, o Sabin, não à toa, é definido pelo time como uma mãe. O instinto maternal pôde ser testado em diversas ocasiões, como na descoberta recente da gravidez de uma funcionária ainda em fase de contratação. A situação normalmente ainda delicada para muitas mulheres virou motivo de celebração dentro do Sabin. “A candidata comentou durante a entrevista que estava enfrentando dificuldades para engravidar e eu disse que no Sabin ela conseguiria realizar seu desejo. Só não contava que fosse tão rápido”, diverte-se Sandra, que tem orgulho, aliás, de dizer que a empresa acompanha a vida do funcionário em seus momentos mais marcantes. Todos os colaboradores, por exemplo, recebem auxílio financeiro para casar, fazer o enxoval da criança e pagar a babá. Em 2008, passaram a contar com um benefício ainda mais importante – um plano de previdência privada, que obteve a adesão de cerca de 80% do quadro. Não são, porém, apenas os mimos e agrados que trouxeram o Sabin mais uma vez para o seleto time das dez melhores empresas para trabalhar no país. Lá, a gestão é profissional e muito participativa. Empregados, não líderes, atuam no processo de construção da estratégia da empresa e são estimulados a opinar nas análises de risco. Desde 2003, todos participam da construção dos valores, missão e visão da empresa. O estímulo à integração com o laboratório passa também pelos esforços de desenvolvimento de seus profissionais. A empresa mantém uma avaliação de desempenho de 360 graus, que auxilia os empregados, após a reunião de feedback, a planejar ações que lhes permitam trabalhar suas competências. Eles também são incentivados, por meio de gratificações ou prêmios, a contribuir com ideias e projetos. “As equipes são treinadas para, na ausência do superior, dar conta do recado”, diz um funcionário. A liderança tem um papel importante, nesse aspecto, e recebe atenção especial da diretoria. Um plano de desenvolvimento individual avalia as competências dos líderes semestralmente. Eles são incumbidos, ainda, de identificar em suas equipes potenciais sucessores e, por meio de uma estratégia de responsabilidade compartilhada e assistida, desenvolvê-los ao longo do ano. “O trabalho precisa fazer sentido. Não é só estabilidade”, afirma Sandra, em referência direta à concorrência com o setor público, grande chamariz de empregos em Brasília, onde o laboratório está instalado. [...]. (EXAME, 2009, p.77-78)

Trata-se de um laboratório situado na cidade de Brasília no Distrito Federal. Fundado e administrado por duas mulheres. Quem escreve o texto publicado também é uma mulher. Denominaremos enunciador “A” aquela que assina o texto e de enunciador “B” aquela que é uma das fundadoras da empresa.

O título é “RAZÃO E SENSIBILIDADE” mobilizando duas dimensões distintas, porém interligadas pela conjunção “e”. O “e” é empregado como conjunção aditiva porque “expressam ideias similares ou equivalentes e estabelecem uma relação de soma aos dois termos”, segundo Mesquita (2007, p.367). O enunciador A rompe com o já-dito que uma empresa pode ser administrada apenas pela razão, dessa



maneira emprega a conjunção aditiva e traz para o mesmo patamar de importância a sensibilidade. O que poderia ser o já-dito retomado da dicotomia entre as duas dimensões é apresentada pela união dessas. Porquanto, a união vem no sentido de superação do estereótipo da competitividade, da objetividade, da resistência a pressões, da racionalidade como atributos pertencentes tão somente ao homem, segundo Puppim (1994).

O subtítulo traz a seguinte frase “Gestão com toque de feminilidade garante satisfação dos funcionários” (EXAME, 2009, p.77). Adentrando o campo organizacional as palavras: gestão, satisfação e funcionários; são utilizados muito corriqueiramente pela área de administração de recursos humanos. Contudo, novamente o enunciador A introduz duas palavras na frase que destoam do campo discursivo organizacional, a saber, o “toque de feminilidade”. O enunciador A enuncia elementos que remetem o enunciatário para o estereótipo feminino, o já-dito que marca a presença da mulher nessa empresa.

Em outro momento, o enunciador A evoca o discurso científico para servir como “fiador”, ou seja, é ele Outro que fala não eu. O enunciado propriamente dito é: “Dizem as pesquisas científicas que as mulheres tendem a sair melhor nas atividades que exigem habilidades verbais, sociais e emocionais” (EXAME, 2009, p.77). “Dizem” no tempo verbal presente, portanto, atual de que as mulheres são assim.

A partir daí o enunciador A identifica quem é o sujeito habilitado para afirmar e ser o fiador do seu dizer, o discurso científico, antes de dizer por si, o enunciador A se apoia nesse Outro. Já existe um já-dito anterior autorizado que é a ciência que permite enunciar que a mulher tende a sair melhor em determinadas atividades porque possui habilidades verbais, sociais e emocionais silenciando que o outro, o homem, possa apresentar as mesmas habilidades nas próprias atividades de trabalho. Não basta ser mulher é preciso se “sair melhor”. De acordo com Puppim (1994) e Bock, Furtado e Teixeira (2009) a produção social das diferenças são repassadas no processo de socialização levando a uma conformação do lugar e do papel dos gêneros, incluindo as habilidades de cada um.

No momento da enunciação, o enunciador A está atravessado pelo campo discursivo do trabalho remunerado nas organizações predominantemente empregados por homens, conforme vimos no IBGE (2010), no quadro 1 e no campo discursivo científico que apoia o enunciador A sobre supremacia das habilidades da mulher em certas atividades laborais. É nesse interstício que o enunciador A posicionará discursivamente em defesa do trabalho e da gestão da empresa pela mulher.

Mais adiante, o enunciador A cita que existe preconceito e discriminação em relação à mulher, mas coloca-se à distância quando diz: “Sexismos à parte, é provável que aí esteja um importante ingrediente do sucesso do Laboratório Sabin na gestão de seus funcionários”. Deixa de lado o sexismo porque o já-dito reverbera a discriminação em relação à mulher no trabalho, em suas oportunidades de vagas no trabalho, a remuneração desigual. Todavia, essa empresa “4” tem em seu quadro de

trabalhadores 72% de mulheres. Logo, não é oportuno trazer esse já-dito que envolve a temática sexista, talvez porque, neste caso, seria o sexismo às avessas, nota-se então, um silêncio proposital, perdoável diante da escassez de exemplos como da empresa “4”, conforme dados do IBGE (2010) e o quadro 1.

Além destacamos o enunciador A enunciando que “O instinto maternal pôde ser testado em diversas ocasiões, como na descoberta recente da gravidez de uma funcionária ainda em fase de contratação. A situação normalmente ainda delicada para muitas mulheres virou motivo de celebração dentro do Sabin”. Novamente o já-dito que é muito cultivado na educação da mulher sobre a existência natural do instinto maternal. Quase uma sentença onde toda mulher deseja sim ser mãe. O instinto são predisposições inatas, padronizadas, predefinidas para além do desejo. Ademais, vivemos numa sociedade que parece exercitar a culpabilização daquela que não deseja ter filho ou utiliza de meios de contracepção.

Entretanto, no campo discursivo do trabalho remunerado nas organizações ter potencial para engravidar não é um requisito comumente esperado pelos contratantes de mão de obra feminina. “O instinto maternal pôde ser testado”, então, indagamos por quem? Tomamos o instinto maternal como fato dado ou um já-dito estereotipado para todas as mulheres e nesse campo discursivo de homens pode ser testado e mantido como postulado para as trabalhadoras?

O instinto maternal tão discutido nos tempos atuais é evocado pelo enunciador A como uma adesão ao modo único da mulher ser e empresta um valor a mais a empresa que tem esse elemento na gestão administrativa. Mas, o que é o instinto maternal, um estereótipo, uma vantagem, a condição para a empresa apresentar-se mais humanizada, mais saudável para os seus trabalhadores? Seriam as empresas administradas por homens não “maternais”?

O enunciador A continua na formação imaginária do papel materno ao enunciar que tem “orgulho, aliás, de dizer que a empresa acompanha a vida do funcionário em seus momentos mais marcantes”. Como a mãe acompanha atentamente o progresso da filha ou do filho nos processos de socialização que iniciam desde o nascimento. O enunciador A projeta a figura da empresa maternal cuidadora de cada um dos seus trabalhadores, filhas e filhos, acompanhando e atendendo suas necessidades mais básicas de sobrevivência física, segurança, social, estima e auto realização. Perguntamos, seria esse um papel da empresa privada?

Cyrino (2011) alerta em sua pesquisa sobre os resultados que indicam que as próprias mulheres executivas reforçavam características de trabalhadoras ligadas ao papel tradicional de mãe enfatizando qualidades como saber ouvir, ser mais sensível, intuitiva, ser mais humana e procurar entender o outro. Isso ocorre em oposição a projeção dos atributos que reconhecem em homens como racionalidade, autoridade, agressividade, competitividade entre outras. Igualmente, essas características ou adjetivações robustecem o discurso da naturalização da diferença ao criar a divisão entre gêneros que remetem uns ao mundo doméstico e do lar e, o outro, ao mundo

organizacional e do trabalho.

Abramo (2002) já denominava essa separação como privado e público, o mundo familiar e o mundo produtivo e, conseqüentemente, os territórios de mulheres e os territórios de homens. O enunciador A aproxima desse já-dito ao enfatizar que “(...) o Sabin, não à toa, é definido pelo time como uma mãe”. Ao avigorar a figura da mãe parece que nos afastamos dos atributos ligados a razão e demais adjetivações esperadas pelo campo discursivo do trabalho remunerado nas organizações.

Também lemos nos enunciados a expressão “toque de feminilidade” no subtítulo e “atmosfera de feminilidade” (“empresa deixa escapar por seus corredores uma atmosfera de feminilidade”), ainda “toque de sensibilidade”. A escolha lexical dos substantivos remete aos atributos compreendidos socialmente como da mulher, pois, como argumenta Goffman (2013) as mulheres foram socializadas para serem dóceis, frágeis, tímidas, reservadas e mal adaptadas ao trabalho que exija força muscular, assim, mais sensíveis e femininas. Parece que o enunciador A mobiliza o já-dito sobre mulher por meio da escolha lexical adotada.

Rodrigues (1992) indica um efeito da naturalização da diferença a predisposição às funções no mercado de trabalho que lhe são especificamente “femininas”. Características de atividades de trabalho que requeiram capricho, paciência, leveza, ser cuidadosa, organização irão inseri-las em cargos que não requeiram o controle, a tomada de decisão, o comprometimento total com o trabalho.

Outro enunciado que nos chama a atenção é sobre a escolha dos benefícios sociais, sendo eles auxílio financeiro para casar, fazer o enxoval da criança e pagar a babá. Benefícios sociais ligados às necessidades de satisfação predominantemente da família e da prole. O destaque vem para o que é “mais importante – um plano de previdência privada”, assegurar o futuro, como toda mãe assim o deseja e que a empresa pública atende com o fator “estabilidade”. Por isso até a dificuldade do laboratório em atrair e manter seus recursos humanos na cidade de Brasília. “O trabalho precisa fazer sentido. Não é só estabilidade”, afirma o enunciador B, em referência direta à concorrência com o setor público, grande chamariz de empregos em Brasília, onde o laboratório está instalado”. Como identificamos nos dados demonstrados pelo IBGE (2010), as mulheres são em maior número no grupamento da administração pública.

Chiavenato (2015) define os benefícios sociais citados como espontâneos ofertados pela empresa, pois são não exigidos por lei. Estes tem o objetivo assistencial.

Benefícios assistenciais: são os benefícios que visam promover o funcionário e sua família de certas condições de segurança e previdência em casos imprevistos ou emergenciais, muitas vezes fora de seu controle ou de sua vontade. Incluem: assistência médico-hospitalar, assistência odontológica; assistência financeira através de empréstimos, serviço social, complementação da aposentadoria ou planos de previdência social, complementação do salário em afastamentos prolongados por doença, seguro de vida em grupo ou de acidentes pessoais, creche para filhos de funcionários, etc. (CHIAVENATO, 2015, p.273)

Uma crítica recorrente desde o início da implementação dos benefícios sociais pelas empresas era de ser essa uma ação paternalista e assistencialista, pois concedia vantagens a fim de angariar confiança e permanência do trabalhador na empresa mesmo sob condições adversas de trabalho. Considerado também como “carinho” ou “agrado” para manter o trabalhador sem reclamar.

Coincidentemente temos o enunciador A nomeando os benefícios sociais ofertados pela empresa “4” por “mimos e agrados” (“Não são, porém, apenas os mimos e agrados que trouxeram o Sabin mais uma vez para o seleto time das dez melhores empresas para trabalhar no país”). Novamente o enunciador A emprega escolhas lexicais que evocam os atributos femininos para o campo discursivo do trabalho remunerado que é eminentemente masculino. Por meio da formação discursiva da feminilidade, o já-dito do atributo feminino visa marcar os benefícios sociais como práticas de cuidado e amor, reforçando a “sensibilidade” em detrimento da “racionalidade”. Apresentando os dois atributos em oposição e não em união como proposto no título do texto.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos atentar para as relações de poder existentes em qualquer sociedade e nos mais variados graus e meios de manifestação da opressão. A ideologia da naturalização das diferenças sociais ganha mais força na sociedade capitalista na qual as relações sociais são baseadas na produção e no consumo. O resultado é perceptível pela aceitação de que certos grupos tenham mais privilégios do que outro.

A propósito da mulher ter inserção restringida no mercado de trabalho remunerado e demonstrar qualificação técnica e educacional, permanece a desigualdade no pagamento dos rendimentos, os grupamentos de atividades de trabalho fazem predominar as vagas para homens levando a crer na manutenção de atributos ligados ao estereótipo de fragilidade feminina em submissão ao modelo hegemônico de supremacia masculina.

Compreender os processos sociais da construção da imagem da mulher na sociedade de modo que a insira em condições desiguais no mercado de trabalho remunerado possibilita a aproximação do reconhecimento da força e da ação dos aparelhos ideológicos mobilizados na socialização do ser humano.

A construção social identitária do ser mulher privilegiou características da feminilidade ligadas à fragilidade pressupondo incapacidade “natural” a certos trabalhos remunerados. Demorou, impediram e retardaram a vivência pela mulher do seu direito pleno e igualitário a educação, ao trabalho e ao exercício de sua cidadania. Existem valores ideológicos dominantes veiculados pela linguagem que diminuem ou menosprezam o papel da mulher na sociedade, todavia, é preciso buscar o fortalecimento de gênero para além dos estereótipos construídos socialmente, uma série de já-ditos que precisam ser confrontados como o instinto maternal, a feminilidade

por fragilidade e a naturalização da diferença.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. A situação da mulher latino-americana: o mercado de trabalho no contexto da reestruturação. In: DELGADO, Didice G.; CAPPELLIN, Paola; SOARES, Vera (Orgs.). **Mulher e trabalho: experiências de ação afirmativa**. SP: Boitempo, 2002. p.111-134

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

ALVES, B.F.; GUIMARÃES, M.O. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro: direitos, desigualdades e perspectivas. **Revista Augustus**. Rio de Janeiro, v.14, n.28, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BATISTA, Anália Soria; CODO, Wanderley. Crise de identidade e sofrimento. CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p.60-85

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOCK, Ana Maria Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2015.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CYRINO, Rafaela. Estereótipos de gênero, identidade sexual e divisão sexual do trabalho: o caso das mulheres executivas. In: NUNES, Jordão Horta;

FREITAS, Revalino Antonio de (Orgs.). **Trabalho e gênero: entre a solidariedade e a desigualdade**. Goiânia: PUC, 2011. p.131-149

EXAME. Revista Você S.A. **As melhores empresas para se trabalhar**. São Paulo: Abril, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. Ed. São Paulo: Global, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação social do eu na vida cotidiana**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GRIFFIN, Ricky W.; MOORHEAD, Gregory. O desafio da diversidade. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos do comportamento organizacional**. São Paulo: Ática, 2006. p. 34-67

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **O estudo mulher no mercado de trabalho**.

Disponível ww2.ibge.gov.br março/2010. Acesso em 19/07/2018.

KINCHELOE, Joe L.; McLAREN, Peter. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 281-313

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-87.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. 3. ed. SP: Brasiliense, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. RJ: Paz e Terra, 1981.

PUPPIM, Andréa Brandão. Mulheres em cargos de comando. In: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (Orgs.). **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. SP: Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 13-36

RODRIGUES, Arakcy Martins. Lugar e imagem da mulher na indústria. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. SP: Fundação Carlos Chagas, 1992. p.266-288

SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres**. O século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v.4, p.442-475

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SILVEIRA, Maria Lucia da. Pistas para a compreensão dos significados do trabalho das mulheres. **Revista Mediações**, v.1, n.2, p.46-55, jul./dez. 1996.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-016-2



9 788572 470162